

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO
AUTISMO (TEA) NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL¹**

**INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDERS
(ASD) IN PHYSICAL EDUCATION IN EMERGENCY REMOTE
EDUCATION**

Iane Lessa da Silva²

Prof. Ms. Phillipe Guedes³

RESUMO

No início de 2020 tivemos uma mudança radical em todos os sentidos, pois tivemos o aparecimento do vírus SARS-CoV2, mais conhecido como Covid-19. Começou a contaminação em massa no Brasil em meados de março, tendo como medidas protetivas o uso de álcool em gel, máscaras e distanciamento social. Porém, quando a situação estava crítica e o lockdown foi anunciado, todos ficamos em casa por pelo menos 1 semana, dependendo da cidade e estado. Um dos primeiros lugares a fechar foram as escolas e iniciou-se o Ensino Remoto Emergencial (ERE) para que nenhum dos discentes perdessem o ano. Pensando nisso, o objetivo geral desse estudo é: analisar como os alunos com TEA estão sendo incluídos no Ensino Remoto Emergencial. Sendo uma pesquisa de caráter bibliográfico, onde foram encontrados poucos artigos com foco na Educação Física, porém analisamos de outras disciplinas, conseguindo assim desenvolver o estudo. Com isso a pesquisa conclui que o Ensino Remoto não é o mais adequado para esses alunos, pois houve um atraso no seu desenvolvimento e a inclusão desses alunos se tornou ainda mais difícil, no qual estava avançando no Ensino Presencial.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Inclusão Escolar. Ensino Remoto.

¹Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de Educação Física da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado. 2022.

² Acadêmica do curso Educação Física da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail:ianegr@gmail.com

³ Professor Orientador. Possui Mestrado em Educação Física e Desporto com Especialização em Desenvolvimento da Criança na Variante de Desenvolvimento Motor e professor (a) Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

ABSTRACT

At the beginning of 2020 we had a radical change in every way, as we had the appearance of the SARS-CoV2 virus, better known as Covid-19. Mass contamination began in Brazil in mid-March, having as protective measures the use of alcohol in gel, masks and social distancing. However, when the situation was critical and the lockdown was announced, we all stayed at home for at least 1 week, depending on the city and state. One of the first places to close were schools and Emergency Remote Teaching (ERE) was started so that none of the students missed the year. With that in mind, the general objective of this study is: to analyze how students with ASD are being included in Emergency Remote Teaching. Being a bibliographic research, where few articles were found with a focus on Physical Education, but we analyzed other disciplines, thus managing to develop the study. With this, the research concludes that Remote Teaching is not the most suitable for these students, as there was a delay in their development and the inclusion of these students became even more difficult, in which they were advancing in Classroom Teaching.

KEYWORDS: Autism. School inclusion. Remote Teaching.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar não é somente para inserir a Pessoa com Deficiência (PCD) na escola, mas também gera inclusão no ambiente de aprendizagem, para que o aluno recrie seu modelo educativo conforme suas limitações e seja capaz de dominar desde os aspectos pedagógicos até os administrativos. Trabalhar essas inclusões dentro de sala de aula, para o PCD, poder ajudar muito em seu desenvolvimento e dá-lo a capacidade de aprender de forma igualitária.

“A Educação Especial representa um novo rumo para a sociedade, trazendo um novo paradigma de educação, derrubando barreiras do preconceito e ascendendo uma cultura democrática de valorização humana” (COPETTI, 2012).

Com a inclusão cada vez mais evidente e necessária no meio escolar, há a satisfação em saber a oportunidade para os alunos poderem ter um ensino adequado e continuado está sendo dada. Para COPETTI (2012), “o processo de inclusão escolar de crianças autistas nos faz pensar sobre esta nova realidade, justificando a necessidade desta pesquisa por evidenciar a preocupação dos docentes e da comunidade escolar em relação à inclusão destes alunos fora das classes especiais”.

A Educação Física, por sua vez, tem suma importância no meio escolar, principalmente na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), pois é uma disciplina que trabalha muito a convivência e a interação entre os alunos, por conta de seus conteúdos, visto que a maioria deles é coletivo. Mas, para esses alunos também pode ser um grande desafio, pois nem todos os alunos com TEA se socializam. Por conta disso, devemos adaptar o ensino para incluí-los nos conteúdos de Educação Física.

Segundo TOMÉ (2007):

A implantação da educação física no ensino dos autistas, favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhora na qualidade de vida desses sujeitos. No entanto, para uma atividade eficaz na aprendizagem do autista é necessário conhecer cada aluno de maneira individual, sabendo dos seus interesses, de suas habilidades motoras e de suas capacidades comunicativas.

De acordo com o Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento juntamente com LOUREIRO (2019) “O TEA é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos”, tornando ainda mais a educação Física como um dos principais pontos da evolução desses alunos, dado que, para a UNIBRASIL (2020) a “Educação Física é importante também para a formação social das crianças, pois além de contribuir com a autoconfiança, através de jogos

e brincadeiras os alunos podem interagir e se socializar”.

“O estudante com TEA possui singularidades e características que dificultam sua relação social e, conseqüentemente, sua inclusão com os demais estudantes. Sua identidade exige que professores e professoras utilizem distintas estratégias didáticas buscando contemplar e incluir o estudante, porém o conhecimento adquirido dos docentes muitas vezes são conceitos assimilados fora do contexto acadêmico, buscados de forma intuitiva ou por se deparar com estudantes com o transtorno em suas aulas” (MARTELLO; SILVEIRA; JUNIOR, 2021).

Contudo, o professor que ensina alunos autistas deverá se adaptar para lidar com as dificuldades deles, pois: “o professor de educação física para pessoas com autismo está envolvido no processo de aprendizagem e socialização, não deve priorizar questões de aprimoramento físico, mas auxiliar no vasto conjunto de interações sociais, comunicação e comportamento” (TOMÉ, 2007). Para COPETTI (2012), “a Educação Física pode ser um elo de grande importância neste processo de adaptação, mas desde que o professor encare o desafio para encontrar a maneira mais adequada e a forma correta de ensinar estas crianças não só a vencerem seus obstáculos, mas também desenvolver suas potencialidades.”

Segundo WING (1981) o transtorno de espectro do autismo (TEA) “também envolve três tipos de áreas afetadas comumente denominadas de tríade: deficiências sociais, comunicativas e comportamentais”. Para GENTIL e NAMIUTI (2005) “Esses indivíduos tem um estilo cognitivo qualitativamente diferente e distúrbio em funções que normalmente usamos para chegar ao conhecimento na escola, a interação social, a comunicação verbal e não verbal e na imaginação.”

Entretanto, no ano de 2020, começamos a enfrentar uma pandemia, sendo iniciada pela transmissão mundial do vírus SARS-CoV2, causador da COVID-19, onde não pudemos ter contato com as pessoas ao nosso redor, tivemos cuidado redobrado com objetos pessoais e de outros, e respeitamos o distanciamento social que propuseram para reduzir a transmissão da doença. Porém mesmo com as medidas protetivas, não obtivemos essa melhora no meio social.

Sendo assim, sendo impossível a volta do ensino presencial, ele foi substituído pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE), sendo adotadas atividades remotas para não afetar ainda mais a educação no Brasil, onde: “Mais de 1,5 bilhão de estudantes e jovens em todo o planeta estão sofrendo ou já foram afetados pelo impacto do fechamento de escolas e universidades devido à pandemia da COVID-19.” (UNESCO, 2020).

O ensino remoto não é o mesmo que o EaD, podendo ser confundido. Sua única semelhança é serem virtuais, mas têm objetivos totalmente diferentes. Segundo

RODRIGUES (2020) “no caso da EaD existem concepções teóricas, metodológicas e especificidades desta modalidade de ensino que dão sustentação teórica e prática para a EaD.”

Já o Ensino Remoto Emergencial (ERE) possui outras características:

Ensino remoto emergencial é caracterizado pela mudança temporária do ensino presencial para o ensino remoto. O ensino passa, em um momento de crise, como no caso da pandemia da Sars-CoV-2, para totalmente remoto, e todas as orientações e todo o conteúdo educacional são ministrados em plataformas a distância. O objetivo educacional não é criar um curso a distância robusto, mas fornecer acesso temporário à instrução e apoio instrucional de uma maneira que seja rápida de configurar e que esteja disponível de forma confiável durante o período. É importante ressaltar que o ensino remoto emergencial apresenta diferenças fundamentais dos modelos de ensino a distância ou modelo híbrido que têm um planejamento prévio de conteúdo e tempo cuidadoso usando modelos de desenvolvimento e planejamento bem conhecidos. (APPENZELLER, *et al.*, 2020).

Por conta da pandemia tivemos que nos adaptar ao ERE, pois não podemos ficar sem concluir os estudos ou parar repentinamente, para isso nos foi apresentado esse novo ensino, que conforme: MORAIS, et al (2012), “o ensino remoto é um formato de escolarização mediado por tecnologia, mantidas as condições de distanciamento professor e aluno. Esse formato de ensino se viabiliza pelo uso de plataformas educacionais ou destinadas para outros fins, abertas para o compartilhamento de conteúdo escolares.”

Mas, será que os professores estão incluindo esses alunos em suas aulas remotas? Quais as dificuldades encontradas em incluir os alunos com TEA no ERE? Sendo assim, o objetivo geral desse projeto de pesquisa é: analisar como os alunos com TEA estão sendo incluídos no Ensino Remoto Emergencial. Buscando a melhoria da inclusão da educação para os alunos com o Transtorno do Espectro do Autismo.

Por conta disso, os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Averiguar as dificuldades encontradas na inclusão de alunos com TEA em aulas de Educação Física no Ensino Remoto Emergencial;
- b) Apresentar as melhorias no desenvolvimento do aluno que a aula de Educação Física poderá oferecer com essa inclusão.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se classificará como abordagem qualitativa, por ser uma pesquisa onde visa as experiências de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em aulas no Ensino Remoto Emergencial.

Conforme citado abaixo:

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento;

além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996).

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois irá ser baseado em artigos que serão realizados durante a pesquisa, para poder estar concretizando o que será mencionado, sendo assim trazendo mais veracidade ao presente estudo.

Para GIL (1994) *apud* LIMA e MIOTO (2007): “a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.”

A presente pesquisa tem como objetivo ser exploratória, pois entende que há poucos artigos com relação ao tema de Ensino Remoto Emergencial, em que foi proposto a educação nacional há pouco tempo. “Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 2008).

Tendo como critério de escolha de artigos/estudos: a) Ser vinculado ao assunto; b) Possuir debates e assuntos que agregam no estudo; c) visões de profissionais referente ao estudo. Já os critérios de exclusão são: a) Não ser/ter referente/referencia ao assunto.

De acordo com os artigos encontrados o estudo se forma com base nos objetivos descritos acima e, no entanto, não conseguindo obter muitos artigos onde somente ocorreu a inclusão no ERE na disciplina de educação física, coletamos dados também de outras matérias educacionais.

Os artigos encontrados na nossa coleta de dados foram ao todo 33, porém com alguma contribuição na nossa pesquisa e nosso objetivo foram 19 estudos escolhidos para contemplar o nosso propósito.

3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E SUAS CONSÊQUENCIAS

No início de 2020 aconteceu um dos maiores impactos para a sociedade, seja da saúde, economia e na educação também, foi quando começou a aparecer os novos casos de Covid-19 e o mundo todo parou. Todos começaram a praticar o distanciamento social e os devidos cuidados que foram indicados por especialistas da saúde em que essa seria uma possível solução para não haver a contaminação em massa. Porém, logo após a descoberta dessa doença, várias

peças foram identificadas como contaminadas, se tornando então alvos de transmissão da doença, sendo então muito perigoso continuar havendo contato físico entre pessoas de vários lugares, inclusive entre professores e alunos dentro das escolas.

Segundo MALTA *et al.*, WHO (World Health Organization):

Em função da inexistência de medidas preventivas ou terapêuticas específicas para a COVID-19, e sua rápida taxa de transmissão e contaminação, a OMS recomendou aos governos a adoção de intervenções não farmacológicas (INF), as quais incluem medidas de alcance individual (lavagem das mãos, uso de máscaras e restrição social), ambiental (limpeza rotineira de ambientes e superfícies) e comunitário (restrição ou proibição ao funcionamento de escolas e universidades, locais de convívio comunitário, transporte público, além de outros espaços onde pode haver aglomeração de pessoas).

Para a educação, a adaptação dessas medidas protetivas foi muito difícil, sendo elas: uso de máscaras de proteção facial, não ter nenhum contato físico entre pessoas que não morassem na mesma casa e o uso de álcool em gel. Havia essa complicação principalmente no ensino infantil, onde muitas vezes não é possível controlar o contato entre as crianças, o uso de máscaras durante todo o tempo e o uso de álcool em gel. Por conta disso, as atividades escolares passaram a ser remotas.

O termo distanciamento social significa manter uma distância segura entre você e outras pessoas que não pertencem à sua casa. Uma de suas formas é conhecida como “distanciamento físico” e, hoje, a recomendação é manter-se a uma distância de 2 metros (cerca de 2 braços) de outras pessoas. [...] O distanciamento físico deve ser praticado em combinação com outras medidas preventivas diárias, incluindo o uso de máscaras faciais cobrindo nariz e boca, evitar tocar o rosto com as mãos sujas e lavar as mãos com água e sabão ou álcool em gel de 70% de álcool. (BATISTA, *et al.*, 2020).

O Ensino Remoto Emergencial passa a ser o modo de a educação não parar completamente e os alunos terem acesso a educação mesmo não sendo presencialmente. Assim, os docentes não perderiam o ano por conta da não autorização de volta às escolas, como forma de prevenção a todos, por mais que jovens e crianças não teriam tantas complicações com o vírus. Porém, esses alunos possuem contato com outras faixas etárias que preocupariam caso fossem infectados com o vírus, tornando um perigo à sociedade, conforme citado abaixo:

O novo coronavírus torna a escola um dos espaços mais temidos pelo risco da transmissão, pois a sua multiplicidade e heterogeneidade cria vínculos entre aqueles que são menos propensos aos sintomas graves da doença (jovens) a todos os demais que podem ser até mortalmente propensos. Crianças e jovens entram em contato diário com adultos de diferentes grupos familiares: professores, profissionais da educação, pais e mães, avós e avôs, parentes de maneira geral. (ARRUDA, 2020).

Sendo assim, a inclusão dos alunos com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) se torna um pouco mais difícil, pois é um esforço em que não virá somente da criança, mas dos pais também. Com as aulas presenciais eles possuem o auxílio de 2º professor/professor de apoio, segundo a Lei nº 12.764/2012 em que consta que os alunos com TEA tem o direito de

ter um professor especializado, tornando mais compreensível a execução das atividades escolares. “Para os alunos com TEA, o acompanhamento pedagógico específico da escola é de extrema importância para seu aprendizado e desenvolvimento” (SERRA, 2006). Com isso, de acordo com a RUSSO (2019) as responsabilidades do professor de apoio com o aluno:

O professor de apoio participa da reintegração da pessoa com TEA na sala de aula e ajuda na inclusão escolar. Ele adapta as atividades, auxiliando as interações sociais e aplicações didáticas. O professor de apoio atua juntamente com a equipe pedagógica e com o professor regular. [...] Geralmente, esses profissionais contribuem para melhorar as habilidades de leitura, escrita, matemática, compreensão e comunicação. Eles também ajudam estabelecendo uma rotina, ensinando sobre regras e comportamentos adequados na sala de aula. Por exemplo, os alunos são ensinados a seguir instruções, interagir com colegas e se comunicar de maneira eficaz.

Entretanto no remoto não tem esse auxílio de forma tão efetiva, onde a sua atenção deverá ser somente na tela de um computador/celular, a distância, sem poder ajudar de forma eficaz, dificultando ainda mais para o aluno, tendo que ficar concentrado e horas sentados se tornam ainda mais complicado e inviável para eles. Segundo RANDIG e ROSA (2021) “as crianças com TEA possuem: atraso na fala, comportamento repetitivo, impaciência, difícil comunicação e interação social, rotina detalhada, sensibilidade auditiva, isolamento e interesses restritos são algumas das características citadas pelos profissionais.”

4 INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR

A inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar é um dos estudos mais procurados pelos profissionais da educação, pois por mais que tenham vários artigos científicos publicados cada aluno tem a sua particularidade e graus diferentes, sendo assim cada um age de uma forma, não tendo um estudo em que abrange como incluir todos os graus e variedades de sinais do TEA. Em que para BENINI e CASTANHA (2016): “Se perguntarmos a muitos professores que atuam em escolas inclusivas poucos saberão definir com exatidão aspectos e características, preferindo tomar para si um discurso equivocado e obscuro do que seja o Autismo.”

Entretanto quanto mais cedo iniciar o tratamento e a inclusão dessa criança no meio social irá ter um resultado mais positivo. Segundo o Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) juntamente com LOUREIRO (2019):

“O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos. Esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável. Trata-se de um transtorno pervasivo e permanente, não havendo cura,

ainda que a intervenção precoce possa alterar o prognóstico e suavizar os sintomas. [...] É consenso na literatura médica que, quanto mais cedo forem reconhecidas as alterações no desenvolvimento e comportamento das crianças no que diz respeito à sua história de vida afetiva, social e escolar, mais precoce poderá ser a intervenção e melhores serão os resultados.”

Por conta disso as escolas devem se adequar e os professores se adaptarem para que essa inclusão ocorra de forma efetiva, pois é no ambiente escolar que muitas dessas crianças conseguem sua evolução no seu quadro clínico, conforme mencionado no trecho abaixo pelo SBP: “Adequações escolares em relação ao conteúdo e planejamento pedagógico, inclusão escolar com possibilidade de monitor individual a fim de potencializar a aprendizagem e socialização com seus pares segundo legislação vigente.”

Muitos estudos estão mostrando que a comunicação por meio de imagens é um método de ensino para com as crianças, pois é uma forma de intervir no TEA sendo um objeto de ensino muito chamativo e lúdico para a ampliação de suas habilidades.

“Através do uso de imagens a pessoa com TEA obtém uma melhor compreensão, que vem colaborar significativamente no processo de organização do pensamento e da linguagem. Desta forma, um dos principais motivos para utilização da linguagem visual é considerá-la uma ferramenta importante para potencializar a aprendizagem destes estudantes. [...] Materiais concretos como, figuras geométricas, peças coloridas e miniaturas também cumprem a mesma função, como recursos acessíveis representam um ganho significativo na aprendizagem, permitindo ao aluno com autismo o desenvolvimento de habilidades de observação, investigação, análise e raciocínio. A utilização destes materiais além de estimular a capacidade de construir significados desperta a atenção e promove a ampliação do seu vocabulário.” (BENINI; CASTANHA, 2016)

Sendo assim os educadores precisam se reinventar, estudar e aprender as melhores formas para conseguir incluir esses alunos para que eles também possam ter desenvolvimentos em suas habilidades que são mais prejudicadas através da sua inclusão.

5 INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A implantação da educação física, no programa de ensino para autistas possibilita um melhor desenvolvimento das habilidades sociais, melhora na qualidade de vida. No início da aprendizagem é necessário conhecer cada aluno individualmente, suas habilidades motoras, interesses e capacidades comunicativas. (TOMÉ, 2007)

Na educação física para se obter essa inclusão precisamos reconhecer que temos que ter um propósito que é conseguir fazer com que se sintam interessados pelas aulas e seus objetivos de ensino, pois mesmo que seja algo complexo inclui-los é muito importante mostra-los que eles podem nos ensinar também, colocando um pouco de como eles querem a aula junto com o objetivo de aprendizagem, tornando assim, mais leve e mais atraente as

aulas para eles.

Segundo SOUZA e NOGUEIRA (2021):

A partir destes trechos percebe-se que são relações de planejamento pensados a partir do conhecimento das limitações e graus de comprometimentos dos alunos, assim como sua individualidade e gostos. É válido ressaltar que as aulas de Educação Física não devem ser realizadas apenas pelo gosto pessoal dos alunos, pois existem objetivos de aprendizagem a serem alcançados, porém no caso dos alunos com TEA unir a preferência dos alunos com os objetivos da aula torna-se mais fácil a aquisição de conhecimentos para o mesmo.

Porém o professor de educação física não deve se basear somente no condicionamento físico, pois muitos deles possuem limitações nesses casos, por conta disso o profissional necessita adaptar a sua aula para se trabalhar mais a parte social, onde a maioria precisa de estímulo para a melhora da sua inclusão junto com seus colegas. Para Tomé (2007): “O professor de educação física para pessoas com autismo esta envolvido no processo de aprendizagem e socialização, não deve priorizar questões de aprimoramento físico, mas auxiliar no vasto conjunto de interações sociais, comunicação e comportamento.”

6 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA INCLUSÃO NO ENSINO EMERGENCIAL

A inclusão no Ensino Remoto Emergencial pode ter sido um dos maiores obstáculos tanto para os pais e alunos quanto para professores, cabendo ressaltar a falta de recurso para as famílias, que, para NUNES (2020), possuem: “menos acesso à rede de internet de boa qualidade, ao computador ou ao celular e, quando possuem acesso, esses equipamentos precisam ser divididos com outros membros da família”, quanto para o professor, pois para CANDIDO *et al.* (2021):

O ensino não presencial se apresenta como um grande desafio para o desenvolvimento e aprendizagem destes alunos, visto que as estratégias da educação remota exigem participação ativa do estudante, sintonia, atenção, engajamento durante as aulas, interação virtual com o professor, etc. comportamento que nem sempre é possível ser desenvolvido pelo aluno que apresenta TEA, devido às especificidades da deficiência.

Já para os pais também se torna um obstáculo, pois além das obrigações de casa e de trabalho, tiveram que abdicar de algo, talvez até do serviço, para poder auxiliar na escolarização do(a) filho(a). Mesmo não sendo especialização dos pais, eles tiveram que se informar e procurar modos para que consigam ajudá-lo sem que falte algo para o desenvolvimento dele. Em que “A educação especial requer planejamento, local, rotina diária, o que nem sempre dentro do ambiente familiar dá para se ter” (BARROS; UHMANN, 2020).

Sabemos que ninguém estava preparado para uma reviravolta desse tamanho no mundo, pois não tiveram tempo para ter uma formação prévia referente ao Ensino Remoto, em que cada professor teve que se empenhar sem ajudas, sem estudos referentes a inclusão nesse meio educacional. Ainda com o pouco recurso que a escola oferece para que o professor, é difícil que ele consiga ter uma aula bem-sucedida e que o aluno aprenda e tenha bons resultados nas aulas virtuais.

Porém, CORRÊA apud Instituto RODRIGO MENDES (2020, p. 23), o autor fala que:

“Em um momento em que todo o ensino migra para plataformas online, isso poderia ser uma oportunidade de repensar as maneiras de ensinar, e utilizar a crise como um catalisador da criatividade, de maneira que seja possível criar conteúdo e materiais em diferentes formatos para atender aos estudantes com deficiência e, por consequência, atrair e motivar mais todos os educandos da turma.”

Consequentemente, para poder ter uma inclusão efetiva e com sucesso no ERE, seus planos de aulas deveriam ser mais criativos e dinâmicos dos que os em sala de aula. Deveriam também ser adaptados aos alunos com TEA, avaliando a forma com que os pais também possam auxiliar os filhos nas atividades que são propostas. Além disso, deveria-se pensar em aulas que os pais eles consigam executar sem nenhum problema ou com dificuldades com o filho, mesmo que tenham a consciência de que não são preparadas tecnicamente para tal.

Em consequência disso, foi elaborado uma cartilha pela Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNDPD) em conjunto da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNDCA), para auxiliar os pais no acompanhamento e ajuda ao filho durante a pandemia. Sendo seu objetivo: “oferecer algumas estratégias para auxiliar os pais/responsáveis pelas crianças com deficiência no acompanhamento escolar, num momento onde várias modificações de rotinas, papéis e comportamentos vêm acontecendo.” (SNDPD; SNDCA, 2020).

Tabela 1 – atividades para gasto energético e estimulação cognitiva

| Situações domésticas | | | |
|-----------------------------|-------------------|-----------------|-------------------------|
| Atividade | Orientação | Objetivo | Gasto energético |

| | | | |
|---|---|--|----------------------|
| Organizar a mesa para refeição | Pedir que coloque utensílios que serão utilizados para aquela refeição e na quantidade proporcional ao número de pessoas na casa. | Pensar, diferenciar, decidir, escolher e manusear utensílios usados durante o café da manhã e das demais refeições; estimular número e quantidade; organizar o ambiente da refeição. | Através do movimento |
| Organizar roupas e quarto | Pedir que separe roupas de cor branca de outras cores; ensinar como dobrar e onde guardar | Estimulação da Percepção de cores; coordenação motora ao dobrar, segurar e guardar as roupas. | Através do movimento |
| Atividades com ênfase no assoprar | | | |
| Balões | Encher balões | Estimulação motricidade orofacial responsável também musculatura da boca e da fala | Através do movimento |
| | Jogar balões | Ao jogar os balões e não deixar cair estará estimulando a coordenação visomotora, equilíbrio | |
| Assoprar através de canudo (fazer canudo com papel) | Com auxílio de canudo assoprar bolinha de papel ou isopor em um caminho pré-definido | Estimulação motricidade orofacial responsável também musculatura da boca e da fala | Através do movimento |
| Bolinhas de papel | As bolinhas de papel podem ser rasgadas e amassadas pela criança | Estimulação da coordenação motora fina, importante para o processo de escrita. | Através do movimento |

Fonte: Kátia Maria de Moura Evêncio, 2020.

7 INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NO ENSINO EMERGENCIAL

Para os professores o Ensino Emergencial ainda continua sendo um grande desafio, pois como não estavam preparados para isso, não se especializaram profissionalmente para tal. Poderiam, talvez, usar seu conhecimento referente a tal criança para poder adaptar suas atividades, sendo assim, conhecer o aluno e suas dificuldades, limitação e habilidades, para utilizar técnicas que irão contribuir com o intuito de conseguir incluir.

Visto que, segundo BARROS e UHMANN (2020):

[...] faz parte da prática docente debruçar-se diariamente em estudos teóricos sobre como atuar com essas crianças, além de buscar novas alternativas para que o trabalho seja eficaz. Vale ressaltar que em nenhum livro, artigo ou outro, o docente encontrará uma receita para atuar com os alunos, pois antes de tudo são seres humanos com suas

especificidades, personalidades, história etc., sendo o sucesso ou o fracasso muito relacionado às constantes tentativas pedagógicas a eles direcionadas.

A partir dos artigos pesquisados, percebemos uma regressão dos alunos no ERE, pois precisam de adaptações curriculares e em algumas escolas isso não era visto, se tornando ainda mais difícil para os pais. Como não possuem formação para isso, muitos responsáveis não sabiam lidar com essas situações da melhor forma. Sendo que: “As adaptações curriculares não vêm acontecendo da forma como é prevista e torna-se indispensável discutir e refletir sobre sua importância, uma vez que essas estão interferindo diariamente no desenvolvimento limitado da aprendizagem e desenvolvimento desses alunos.” (BARROS; UHMANN, 2020).

Com o distanciamento, as crianças também regrediram em seu desenvolvimento na interação social, pois não tinham mais o contato com outras crianças e professores. Na educação, os alunos podiam ter essa vivência ainda maior, mas como o ensino mudou totalmente para virtual, nem todas os discentes com TEA participaram 100% das aulas e permaneceram totalmente ativos, por conta de sua condição instável de disposição, humor e atenção. Conforme relatado por uma mãe no artigo de BARROS e UHMANN (2020): “Quando preciso fazer algo na rua e levar as meninas, Beatriz se esconde atrás de mim, pois regrediu muito e a falta de interação com outras pessoas fez com que ela ficasse com medo dos outros, então acho o contexto social muito prejudicado.”

Diante dessa situação, percebemos o quão a Educação Física é importante para o desenvolvimento dos alunos com TEA, pelo que a disciplina trabalha com esses discentes, em concordância disso, HOLLERBUSCH (2001) aponta que:

A proposta de educação física para crianças autistas deve ter suas específicas, pois elas apresentam individualidades em seu desenvolvimento sensório-motor, na comunicação e linguagem, na cognição e nas interações sociais. Sendo assim precisam de uma série de adaptações nas atividades elaboradas, tanto no físico como social do local que estão frequentando, em especial as aulas de educação física.

Por conta disso, valoriza-se muito as aulas que são ministradas em forma de vídeo chamada, método adotado por muitas escolas para pelo menos os alunos se verem, debaterem e trocar conhecimentos. Em um momento de isolamento social, esse é o modo de adaptação na inclusão dos alunos com TEA com mais retorno para eles, visto que a interação com os colegas de salas auxilia seu desenvolvimento.

Segundo o estudo de araA (2020) em que profissionais clínicos, das salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e uma professora do curso de Pedagogia com pesquisas na área da Educação Especial Inclusiva explicam que: “[...] o isolamento e

distanciamento social, bem como a falta de atendimento presencial são gatilhos emocionais e, por isso, geram sim dificuldades de aprendizagem nas crianças. Esclareceram que “a mudança brusca de rotina faz com que os autistas fiquem mais "desorganizados " mentalmente, o que provoca uma dificuldade na aprendizagem.”

Em razão disso as aulas devem ser todas planejadas, com objetivos e afins para que nada “mude” muito em relação ao aluno com autismo, porque para eles a mudança de rotina já é uma situação que lhe incomoda. Em que para BARROS e UHMANN (2020): “Atividades remotas, assim como outras, devem ser devidamente planejadas e os objetivos devem ser traçados, embora nem sempre dentro da lógica de conteúdos em que a escola se estabelece.”

Para se ter uma inclusão e aprendizagem efetiva, temos que rever que um dos principais pontos para isso é manter a saúde mental da criança bem, pois os alunos com autismo dependem muito desse fator, para eles o mais difícil é se manter nesse equilíbrio entre escola e família, tornando algo estranho na sua rotina, em que seu professor é a sua família. De acordo com ARANTES et al (2020): “O lúdico tem papel pedagógico importante já que proporciona aprendizagem de maneira fluida. A criança pode criar ou recriar atividades, explorar materiais e modificar o seu uso, construir cenários e interpretar personagens espelhados em sua realidade formando padrões através da repetição ou protagonizando novos desfechos ao reviver criticamente essas situações.”

Haja vista que, “Cobrar atividades e assistir as aulas devem ser feitos com objetivo de estabelecer e adaptação a uma nova rotina; cumprir com a função que tem o aluno no processo de escolarização; valorizar o trabalho dos professores; interagir e aprender. Então, cada família precisa analisar a situação e, se a criança requerer mais tempo de adequação, assim fazê-lo.” (EVÊNCIO, 2020).

8 RECOMENDAÇÕES PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As inclusões desses alunos devem-se começar da base familiar, pela escola e por toda a sociedade, de forma em que se sinta um cidadão sem TEA, pois assim, ele não terá o pensamento de que ele é diferente dos outros, porque esse pensamento ou as ações dessas pessoas citadas podem acarretar em consequências na sua inclusão, trazendo mais dificuldades no convívio do aluno com todos a sua volta.

Com base nos artigos encontrados, podemos dizer que a inclusão desses alunos na educação física se torna um pouco complexa, pois cada aluno com TEA possui a sua

particularidade, uns não interagem, outros interagem um pouco, uns falam menos, outros falam bastante, entre outros fatores, com isso devemos sempre estar em constante estudo e aprendizagem sendo esse a inclusão o maior objetivo deles.

Verificamos que a volta do presencial foi muito importante pra continuação do desenvolvimento deles, pois muitos alunos/filhos estavam demonstrando regressão em tudo que estavam aprendendo na escola presencialmente, onde se tinha um apoio escolar para esses alunos, para isso temos que ter uma administração e toda uma estrutura de pessoas especializadas com segundos professores para esses alunos estarem com todo o suporte necessário para que ocorra o seu desenvolvimento e o seu diagnóstico o mais cedo possível.

Sendo assim, passar por todo esse processo e tendo toda essa base de auxílio, a escola se torna inclusiva, conseguindo assim um diagnóstico mais preciso. Desse modo o professor de educação física será o principal profissional nessa observação do aluno, pois é na aula de educação física que mais teremos interação, comunicação e atenção nas suas mobilidades, podendo ser o pilar para sua inclusão e desenvolvimento nesses quesitos.

Por conta disso, para que ocorra essa inclusão temos que buscar conhecer melhor o aluno e qual a sua dificuldade seria o primeiro passo. Após ter esse diálogo com ele e verificar qual forma em que melhor se sente na aula e para a prática da mesma. Planejar a parte lúdica com objetivo do desenvolvimento nas áreas que possuem dificuldades nas aulas, pois o lúdico não é só “brincar”, tem todo um objetivo por trás, porém eles não enxergam dessa forma, entretanto trará sim benefícios, onde não se sentiriam pressionados para executar caso fosse algo competitivo, que o “força” a praticar a aula por conta dos colegas que querem ganhar a atividade, não sendo de forma espontânea, em razão de:

Como já dito, a educação física é uma disciplina tão importante quanto as outras, por este modo os alunos devem sentir prazer pelas brincadeiras e essas brincadeiras deve estar de acordo com o seu público, no caso os alunos de todos os tipos, a educação física adaptada é uma subdivisão da convencional, onde brincadeiras e conteúdos serão adaptados para que todos os alunos inclusive os com dificuldades físicas, motoras e psicológicas possam participar sem se sentirem excluídos de alguma forma, tendo como objetivo uma educação acessível a todos (MENDONÇA, 2019).

9 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir de todos os fatos, teorias e pensamentos até aqui apresentados, se faz imprescindível a realização de uma análise acerca dos resultados ao entorno do estudo realizado. Dessa forma, é de fundamental importância uma discussão sobre os pontos positivos e negativos, além dos desafios trazidos pela implantação do ensino remoto emergencial na

disciplina de Educação Física, para crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

As crianças atípicas possuem particularidades únicas, diferentes das demais crianças típicas. Diante disso, é notório uma maior dificuldade de possibilitar um ensino que as atenda de forma efetiva e, da maneira que elas verdadeiramente merecem, mas, tal fato não é impossível.

Hoje se fala muito em inclusão e, a mesma tem aberto portas para que crianças e adolescentes portadores de deficiência tenham acessibilidade, acesso e um ensino de qualidade na rede regular de ensino. Toda essa discussão acerca do tema teve início no século XX, em um momento pós guerra, no qual se viu a extrema necessidade da valorização e criação dos Direitos Humanos, como uma forma de garantir que todo ser humano fosse tratado com igualdade, respeito e dignidade. Desde então, tem sido tratado com mais significância a inclusão dos portadores de deficiência, mas, se faz necessário que essas pessoas não sejam só inclusas, mas também integradas aos espaços de ensino, saúde e não somente, mas em toda sociedade ao redor.

Ainda nesse contexto, é necessário enfatizar a Declaração de Salamanca de 1994, esta, foi um dos documentos mais importantes para as pessoas com necessidades especiais, senão, o mais importante com relação à educação, pois, a mesma legitimava a “educação para TODOS”, mas não carregava isso somente em seu lema, mas sim em efetividade, assegurando que não bastava somente dizer que a mesma era para todos, mas sim, fazer com que assim de fato fosse e, que, assim, as pessoas com deficiência tivessem uma formação integral e com pleno desenvolvimento.

Sendo assim, diante de toda a análise trazida sobre os direitos da pessoa com deficiência e da inclusão, é necessário dar enfoque para o “ponto chave” desse estudo que, se pauta na Educação Física no Ensino Remoto Emergencial para Crianças portadoras do TEA (Transtorno do Espectro Autista), ou melhor, na inclusão desses alunos no contexto descrito.

Os alunos com Transtorno do Espectro Autista possuem suas próprias especificidades, mas não quer dizer que isso seja um padrão, embora existam algumas características em comum entre os mesmos como: estereotípias, falta de contato visual, dificuldade nas interações sociais, sensibilidade a barulhos, dificuldade em expressar sentimentos, encarar tudo de forma literal sem compreender ironias e metáforas e, também, dificuldade com o toque e contato físico. Essas são apenas algumas das muitas particularidades que eles apresentam, mas claro, tais fatores podem se distinguir de indivíduo para indivíduo.

Na rede regular de ensino, os alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista), possuem professor apoio, tal suporte é assegurado aos mesmos pela lei número **12.764**, a qual

estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), alegando então, que os autistas “têm o direito de ter um acompanhante especializado nas salas de aulas.” Essa informação só reforça a então dificuldade do ensino remoto para esses educandos, visto que, em casa os mesmos não possuem esse professor apoio. Dessa forma, esse “trabalho” ficou destinado aos pais e/ou responsáveis para auxiliá-los no decorrer das aulas, mas nem sempre isso se fazia possível, diante das obrigações e afazeres dos mesmos. Sendo assim, os responsáveis também precisaram se reinventar, assim como os educadores, para buscar atender a demanda e levar o ensino necessário a essas crianças.

Os alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) são influenciados pela rotina, ou melhor, eles precisam de uma rotina para que assim consigam encarar os desafios e as atividades do dia a dia. Então, quando a rotina desses alunos muda, eles encontram grandes dificuldades e acabam até por ficarem nervosos diante disso. Portanto, é necessário que eles sempre tenham uma rotina predeterminada, e que eles possam acompanhá-la, para assim, agirem com calma e conseguirem conduzir o seu dia com maior tranquilidade. Além disso, eles possuem mais facilidade em aprender através dos recursos táteis e sensoriais, ou seja, eles precisam sentir, explorar, observar para que dessa maneira se apropriem da situação e do espaço da vivência e da aprendizagem.

Contudo, no ensino remoto emergencial, ensinar se tornou algo ainda mais difícil, pois, os professores precisaram encontrar formas de se reinventar para buscar a atenção de seus alunos em um contexto totalmente diferente ao que ambos já estavam familiarizados, o espaço físico da sala de aula. Essa não foi uma tarefa fácil, mas tudo foi sendo adaptado para que isso não viesse a ser um problema tão predominante. E ao falar nessa adaptação, tal ação foi de fundamental importância para a realidade dos autistas, visto que, trabalhar com esses alunos, significa sempre adaptar e melhorar as condições de ensino para que os mesmos consigam se habituar ao espaço e aprender de forma a se desenvolver, até porque, isso é o que se espera de todos os alunos: o desenvolvimento pleno.

Mas então, onde a educação física entra nesse contexto? Essa disciplina é extremamente necessária para o desenvolvimento dos alunos, e não somente no contexto físico, mas também, nas interações sociais, na organização, na habilidade em trabalhar em equipe, e até mesmo no âmbito emocional, sendo que, você precisa entender as dinâmicas de “ganhar e perder”, trabalhar em equipe entendendo que cada pessoa tem o seu próprio ritmo, que todos são diferentes e que é necessário aprender a conviver. Diante de tudo isso, como essa disciplina pode auxiliar os alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista)? Como foi trazido anteriormente, os autistas possuem certa dificuldade na interação social, então, a educação

física é uma forma de aproxima-los dos demais alunos, criando dinâmicas as quais ele se sintia incluso e participativo, sempre adaptando para que a realidade do ensino seja algo também confortável para eles.

Entretanto, diante de tais argumentos, ainda assim se fica a dúvida sobre como atender esses alunos no ensino remoto, visto que, os mesmos possuem uma maior dificuldade para se concentrarem, então era necessário buscar a atenção dos mesmos para um ponto fixo, no qual eles conseguissem resgatar o interesse em assistir aquela aula, e em estar naquele espaço. Então, foi necessário também um trabalho em equipe, não só do professor de educação física que estava do outro lado da tela, mas também de um acompanhante que precisaria estar ao lado do aluno para que ele assistisse determinada aula.

O aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista), no ensino remoto emergencial precisou de muito apoio, e a disciplina de educação física pode ter sido fundamental nesse processo, através de suas dinâmicas, do ensino lúdico, não pautado somente no brincar, mas também nas possibilidades de adaptação, integração e tomada da atenção e interesse, além das probabilidades de interação com os demais alunos do outro lado da tela.

Quando o professor de educação física propunha alguma atividade, ele já precisava ter consciência da responsabilidade em integrar o aluno autista com os demais. Então, trazer recursos com cores, pedir para que os alunos trouxessem materiais para apresentar nas aulas, sendo assim, entraria os recursos táteis para eles manusearem e apresentarem durante as aulas. Atividades como essas já seriam uma forma de resgatar o interesse dos alunos atípicos ao saberem que, apresentariam algo deles para todos os demais colegas. Tudo isso, só remete à importância que o ensino pode ter na vida dos alunos com TEA, principalmente a própria educação física, com todas as suas metodologias voltadas para interação, socialização, desenvolvimento das relações de afeto e adaptação contínua. E, no ensino remoto, isso não foi diferente. O Ensino Remoto Emergencial teve inúmeros desafios, principalmente para conseguir incluir os alunos com TEA, mas ainda assim, cada educador encontrou formas de adaptar suas metodologias para atender a todos os alunos de forma igualitária, ou melhor, com a equidade que eles mereciam, proporcionando um ensino de qualidade.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar das crianças com TEA é de suma importância, pois o desenvolvimento cognitivo e afetivo é necessário de ser trabalhado. Sendo assim, a escola entra como um grande fator para a melhora desses aspectos, sendo eles na fala, no social, no

comportamento. Com as aulas acontecendo, a evolução se torna mais acessível para os alunos com essa deficiência, pois as crianças possuem uma interação com outras, sendo assim se torna mais acessível para eles trabalharem e evoluírem. “Deste modo, existe prejuízo marcado na interação social, comunicação e padrões considerados limitados ou estereotipados de interesses e comportamentos. As características específicas de comportamento que diagnosticam a criança com autismo devem começar a serem notadas a partir dos três anos de idade.” (NOGUEIRA; SOUZA, 2021).

Diante da individualidade de cada aluno e suas especificidades, que segundo SOUZA e NOGUEIRA (2021), são manifestadas: “de diferentes formas em cada um, ou seja, alguns alunos apresentam limitações que não são comuns na maioria dos alunos com TEA, assim como potencialidades que são específicas e individuais”, o aluno deve ser visto pelo profissional com atenção, identificando quais são suas limitações e habilidades, para trabalhar com elas.

No entanto, quando a aula é por vídeo, se torna um diferencial para esses alunos, porque é onde como conseguem interagir com outros colegas de turma, vendo outras pessoas e conversando. Porém em virtude das dificuldades encontradas principalmente nas escolas públicas, por conta das faltas de recursos materiais tanto para os professores quanto para os alunos, onde muitos não têm acesso a internet em casa, ao celular ou computador, se tornando mais um empecilho do que um fator para haver uma inclusão adequada, visto que:

Em algumas escolas, aulas são ministradas via chamada de vídeo conferência, neste caso em algumas escolas privadas, mas isso possibilita ao aluno ao menos de forma remota, “olhar” para os outros colegas de turma. Isso pode ser considerado de extrema importância para todos os alunos. Em tempos de isolamento social, torna-se um diferencial poder conversar/interagir com pessoas que não fazem parte da rotina familiar, pelo menos por vídeo. Mas, no caso de escolas públicas, além desse tipo de atividade não conseguir ser ofertada, sabemos que na realidade muitos dos alunos não possuem recursos midiáticos para tal atividade. (BARROS, UHMANN, 2020).

Entretanto tiveram algumas alternativas disponibilizadas para os pais poderem ter um melhor desempenho nessa época de pandemia, sendo a Cartilha que foi interessante para os pais poderem ter uma noção do que fazer com os filhos para que eles não fiquem muito apreensivos, ansiosos e estressados, conseguindo assim auxiliar os pais para não perderem o ano. Cada pessoa com deficiência tem suas especificidades. Por isso, a importância de termos um material que as auxilie durante esse período de pandemia.

Todavia, o ensino remoto talvez não tenha sido muito interessante para esses discentes, porque muitos deles “regrediram” em vários quesitos, como citado por SOUZA e NOGUEIRA (2020): “pois a rotina escolar e todas as atividades que desenvolvem a comunicação, interação social e outros que são ofertados nas salas de aula junto com outros alunos não vem

acontecendo”. Visto que esse meio escolar tornou os pais os repassadores de informações, de se “socializar”, sendo eles não habilitados e especializados para isso, muitas vezes deixando a desejar em certos momentos, mas não por querer, mas sim pelo despreparo para lidar com essa situação.

Consideramos assim, que em todos os estudos que foram pesquisados, a maioria deles nos traz a perspectiva de que o Ensino Remoto Emergencial não é o mais adequado para eles, pois eles precisam da interação para poder ter algum retorno no que é trabalhado, sendo muito complexo tanto para os professores e alunos, como principalmente para os pais em que se tornaram o grande mediador de informações e sabedoria para eles, não se tornando tão positivo assim esse método para eles.

Contudo, tem sido discutido por médicos e especialistas, quadros de piora comportamental, com agressividade, inabilidade e até involução por parte da criança com esta condição. Isso pode ser explicado pelo fato de na maioria das vezes, os membros familiares desconhecerem as peculiaridades desta deficiência, ou mesmo não terem formação adequada para tal. (CANDIDO, *et al.*, 2021).

Por fim, se tratando de um assunto pouco abordado e com poucas pesquisas científicas, sugestionam-se que se façam mais pesquisas para que possamos algum dia ter respostas para tais questionamentos que ainda ficam em abertos. Como podemos melhorar nesse quesito? Em que todos falam que o ERE possa ser o futuro da educação? São perguntas que não possuímos respostas e não sabemos quando teremos porque cada pessoa age de uma forma, cada um com sua singularidade. Com todas as pesquisas e estudos feitos, conseguimos explicar algumas possíveis técnicas para que os professores possam ter um norte quando forem atuar nesse contexto e assim, contribuir para o avanço da educação inclusiva no Brasil.

REFERÊNCIAS

- APPENZELLER, Simone *et al.* **Novos tempos, novos desafios: estratégias para equidade de acesso ao ensino remoto emergencial.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 44, 2020.
- ARANTES, Márcio Carlini *et al.* **TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR—UMA REVISÃO DA LITERATURA.**
- ARRUDA, Eucídio. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** Em Rede-Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.
- BARROS, Ludmilla; UHMANN, Silvana. **As (im) possibilidades do ensino remoto para o aluno com transtorno do espectro autista.** Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, v. 3, n. 3, 2020.
- BATISTA, João. **O distanciamento físico na prevenção do novo coronavírus. CORONAVÍRUS,** 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/117-distanciamento-social-na-covid-19>>. Acesso em: 19 out, 2021.
- BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo; BENINI, W. Castanha. **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades.** Cadernos PDE, Paraná, v. 1, 2016.
- CANDIDO, Eliane *et al.* **Aluno com o transtorno de espectro autista em tempos de pandemia: uma revisão sistemática.** Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, v. 8, n. 9, 2021.
- CIENTÍFICO, Conselho; LOUREIRO, Adriana. **Transtorno do Espectro do Autismo.** 2019.
- COPETTI, Jocieli. **A educação física escolar e o autismo: um relato de experiência no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (IMEAB) no município de Ijuí (RS),** 2013.
- CORRÊA, Luiza, apud MENDES, Rodrigo. **Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19: um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais.** São Paulo: Instituto Rodrigo Mendes, p. 23, 2020.
- GENTIL, Késia Priscila Gomes; NAMIUTI, Aline Pavan Sarilho. **Autismo na educação infantil.** Revista Brasileira Multidisciplinar, v. 18, n. 2, p. 176-185, 2015.
- GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. Editora Atlas SA, 2008.
- HOLLERBUSCH, Ricardo Miguel da Silva Lopes. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal.** 2001.
- LIMA, Telma; MIOTO, Regina. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Revista Katálysis, v. 10, n. SPE, p. 37-45,

2007.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal**, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, 2020.

MARTELLO, Barbara; SILVEIRA, Renata; JUNIOR, Arlindo. **Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista: uma análise das publicações do cbce entre 2009 e 2019**. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 22, n. 1, 2021.

MENDONÇA; Camila. **Educação Física Adaptada. Inclusão de pessoas com deficiência em atividades físicas**. 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/educacao-fisica-adaptada>>. Acesso em: 30/05/2022.

MORAIS, Ione *et al.* **Ensino Remoto Emergencial: Orientações básicas para elaboração do plano de aula**. 2020.

MOURA EVÊNCIO, Kátia Maria de. **ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ORIENTAÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO INCLUSIVO DAS CRIANÇAS COM AUTISMO**.

NEVES, José. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NUNES, Júlia. **Ensino remoto emergencial e transtorno do espectro autista: uma análise sobre lives realizadas durante a pandemia de COVID-19**. 2020. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220627/001125286.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 out, 2021.

RANDIG, Maria; ROSA, Claudio. **O Processo de ensino-aprendizagem dos alunos com TEA sob a perspectiva dos profissionais do ensino regular**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/2029/Maria_Claudineia_Randig_TCCPLS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 nov, 2021.

RODRIGUES, Alessandra. **Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. Horizontes**. In: SBC Horizontes. 2020. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/ensino-remoto-na-educacao-superior/>>. Acesso em: 05 maio, 2021.

RUSSO, Fabiele. **O PAPEL DO PROFESSOR DE APOIO ESPECIALIZADO PARA OS AUTISTAS**. NeuroConecta, 2019. Disponível em: <<https://neuroconecta.com.br/o-papel-do-professor-de-apoio-especializado-para-os-autistas/>>. Acesso em: 19 out, 2021.

SNDPD-Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Estratégias para crianças com deficiências e suas famílias no acompanhamento escolar em casa**. SWAY, 2020. Disponível em: <<https://sway.office.com/VLf4k28zYjefB3QD>>. Acesso em: 15 março, 2022.

SERRA, Dayse. **Inclusão e Ambiente Escolar**. In: SANTOS, Mônica; PAULINO, Marcos Moreira. (Org.). **Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas**. Paulo: Cortez, v.1, p.31-

44, 2006.

SOUZA, Amanda; NOGUEIRA, Suzana. **Estratégias de ensino-aprendizagem e adaptações metodológicas utilizadas pelos professores nas aulas de educação física para alunos com TEA.** *Cenas Educacionais*, v. 4, p. e11755-e11755, 2021.

TOMÉ, Maycon *et al.* **Educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas.** *Movimento e Percepção*, v. 8, n. 11, 2007.

UNESCO. **Coalizão Global de Educação: #AprendizagemNuncaPara.** 2020. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>>. Acesso em: 18 abr, 2021.

UNIBRASIL, **A importância da Educação Física na educação infantil.** 2020. Disponível em: <<https://www.unibrasil.com.br/a-importancia-da-educacao-fisica-na-educacao-infantil/>>. Acesso em: 16 abr, 2021.

WING, Lorna; **Language, social and cognitive impairments in autism and severe mental retardation.** *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 1981. IN VATAVUT, M. C.; Ensinando educação física e indicando exercício em uma situação estruturada e em um contexto comunicativo: foco na interação social; Congresso Autismo, 1996, Barcelona.